

Interação e representação: a constituição da sociabilidade pelos sujeitos nas páginas do Orkut em um processo colaborativo pelo Pearl Jam

Rafael Figueiredo Cruz e Silva¹

Introdução

Este artigo traz um fragmento da pesquisa de Mestrado que desenvolvi no PPGCOM-UFMG (Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMG) entre março de 2005 e abril de 2007. Nela, nossa preocupação era analisar como se estabeleceu um processo colaborativo entre fãs da banda de rock norte-americana Pearl Jam numa comunidade do Orkut. A movimentação dos fãs resultou na constituição de um abaixo-assinado que tinha por objetivo convencer a banda a se apresentar no país, o que acabou acontecendo no final do ano de 2005.

Nosso objetivo de pesquisa era observar as interações estabelecidas através da troca de mensagens no âmbito da comunidade, tentando identificar como poderíamos caracterizar o que chamamos de *interação colaborativa*. Porém, nesse artigo, nosso foco será caracterizar os conceitos de interação e representação, mostrando como eles podem ser úteis para olhar para a dinâmica interativa que aconteceu, indicando a constituição de um pano de fundo de sociabilidade que sustentou o desenvolvimento de todo o processo colaborativo.

De que interação estamos falando?

A nossa referência teórica para tratar o conceito de interação parte do psicólogo social G. H. Mead. Sua reflexão está inscrita na matriz teórica do Interacionismo Simbólico, corrente de pensamento desenvolvida por ele e outros pesquisadores² no ambiente da Escola de Chicago no início do século XX.

¹ Mestre em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea pela UFMG. rcruzesilva@yahoo.com.br.

² Além de G. H. Mead, eram referências do pensamento social na Escola de Chicago nesse período os filósofos William James, John Dewey, C. S. Peirce e Robert E. Park.

Definindo-se como um “behaviorista social”³, G. H. Mead, na sua análise da vida social, estava interessado em observar o comportamento humano nas relações cotidianas dos sujeitos.

Para o autor, a interação é o centro da vida social. Sua obra, *Mind, self and society*⁴ defende que a mente, o eu e a sociedade são três instâncias do mesmo fenômeno: o ato social. De acordo com ele, tanto as interações entre os indivíduos quanto a sociedade só poderiam ser entendidas se as pensarmos através do ato. Sendo assim, a sociedade seria um conjunto de ações das pessoas. E os sujeitos só existem enquanto sociedade a partir do momento que eles estão interagindo.

No processo de interação social, a leitura e interpretação das ações do indivíduo pelo seu interlocutor só são possíveis porque os atos e palavras das pessoas carregam significados. Nesse sentido, G. H. Mead destaca a importância da linguagem na ação social. De acordo com ele “language is a part of social behavior”⁵ (MEAD, 1934, p. 13).

Para o autor, a interação está no centro da vida social e a linguagem está no centro da interação. As três instâncias do ato (mente, do eu e da sociedade) se interpenetram construindo um completo e complexo imbricamento que resulta na interação em si.

Primeiramente, no nosso esforço de apreender a reflexão de G. H. Mead, é importante deixar claro que, para ele, a mente (*mind*) é a consciência de cada um de nós. É a partir do momento que tomamos consciência do nosso estar no mundo que começamos a nos fazer sujeitos.

Essa tomada de consciência trata, na verdade, da nossa percepção enquanto indivíduos inscritos num ambiente social, estabelecendo relações com outras pessoas e dando sentido às coisas. Através da nossa consciência, o mundo se torna real para nós, e assim é também com os outros. G. H. Mead diz que “the whole world comes to lie inside of the observer’s brain; and his brain lies in everybody else’s brain, and so on without end”⁶ (MEAD, 1934, p. 33).

³ G. H. Mead não pode ser considerado um behaviorista no sentido estrito do termo, se pensamos a partir da tradição do behaviorismo de Watson. Porém, aquele não negava a existência do estímulo para tentar gerar uma resposta no organismo no viver social.

⁴ Publicada postumamente em 1934 pelos seus alunos da Universidade de Chicago.

⁵ “A linguagem é parte do comportamento social” (tradução nossa).

⁶ “O mundo inteiro se projeta para dentro do cérebro do observador, e seu cérebro se projeta para dentro do cérebro de todo mundo, e assim por diante, sem ter fim” (tradução nossa).

Sabemos da nossa existência no mundo porque conseguimos perceber as coisas e as pessoas. O mundo inteiro pode ganhar forma no nosso pensamento, uma vez que já vivenciamos, nas ações do dia-a-dia, seus significados. Obviamente, há coisas que só dizem respeito a cada um de nós: algumas situações vividas, que podem possuir um sentido muito particular. Mas, além disso, há elementos comuns a todos, que carregam o mesmo significado para qualquer indivíduo. E nas interações que estabelecemos, tratamos desse mundo comum. De acordo com G. H. Mead

one individual has one experience and another has another experience, and both are stated in terms of their biographies; but there is in addition that which is common to the experience of all [...]. We are always separating that which is peculiar to our own reaction, that which we can see that other persons cannot see, from that which is common to all. We are referring what belongs to the experience just of the individual to a common language, to a common world⁷ (MEAD, 1934, p. 33).

Já a compreensão de sociedade (*society*) se dá a partir do ato. Fugindo da dicotomia indivíduo-sociedade, G. H. Mead esforça-se em mostrar que estes dois elementos funcionam de maneira articulada no corpo social. A separação (mesmo que para fins analíticos) dessas duas estruturas inviabiliza o pensamento e impede de enxergar como se dá o funcionamento da realidade social.

G. H. Mead não enxergava a sociedade como um aglomerado de pessoas e sim como um conjunto de interações. Para o autor, o sujeito só se faz na vida social no momento que está agindo, se relacionando com o outro. O indivíduo isolado não existe em sociedade já que ele não se dá a ver. É no momento que ele interage com outras pessoas, nos processos interativos estabelecidos entre os sujeitos, que a sociedade ganha existência.

Nesse momento, começa a se dar a constituição do eu (*self*). Para o autor, essa é uma construção que só se dá socialmente.

A sociedade constitui o contexto necessário que permite balizar a construção do eu. Ele é formado através da internalização das expectativas dos outros sobre nós. A partir das referências que acumulamos na vida social, desenvolvemos um conjunto de referenciais que nos permite

⁷ “Um indivíduo tem uma experiência e outro tem uma outra experiência, e ambos estão colocados nos termos das suas biografias; mas além disso, há algo que é comum à experiência de tudo [...]. Nós estamos sempre separando o que é peculiar à nossa própria reação - aquilo que podemos ver e que outras pessoas não podem ver - daquilo que é comum a tudo. Nós estamos fazendo referência àquilo que pertence apenas à experiência de uma língua em comum, de um mundo em comum” (tradução nossa).

antever as expectativas que os outros desenvolvem sobre nós, da mesma forma que acontece com eles. G. H. Mead chama esse processo de *outro generalizado*: “the organized community or social group which gives to the individual his unity of self may be called “the generalized other”. The attitude of the generalized other is the attitude of the whole community”⁸ (MEAD, 1934, p. 154).

Assim, na construção do eu, o outro generalizado participa de forma a referenciar as vontades dos sujeitos. De acordo com o autor, o eu é dividido em duas partes: o eu-mesmo e o mim. O eu-mesmo seria a nossa porção impulsiva, da dimensão dos desejos, sentimentos, afeições. Ele está ligado aos nossos instintos, às nossas vontades.

Já o mim seria nossa porção social. São as normas, os costumes, as regras de etiqueta, que estão colocados na vida social e são absorvidos por nós. O mim é a internalização do outro generalizado.

Sendo assim, na constituição do eu, há um processo mental interativo (entre eu-mesmo e mim) do qual resulta o ato, a ação social em si.

O resultado da interação entre eu-mesmo e mim também é constituidor da mente. Além de ser o processo de tomada de consciência, a mente diz da resultante dessa interação mental que as pessoas desenvolvem na presença do interlocutor. Aqui, o que cabe reforçar é que tanto o processo de interação social quanto a relação entre eu-mesmo e mim se dá na e pela linguagem. Para G. H. Mead, o significado é constituído socialmente e é internalizado pelos sujeitos tanto para refletir sobre suas ações quanto para entender o que se passa na vida social.

Tratando da linguagem, G. H. Mead dá destaque à noção de *gesto significante*: atos ou palavras que são compreendidos por todos os interlocutores no momento da ação. Só conseguimos entender o que o outro diz porque somos capazes de atribuir um sentido aos seus gestos e palavras. Se esse sentido pode ser entendido por mim, é porque há um nível de compartilhamento de significado que atende os dois interlocutores no momento específico da interação. O gesto significante seria então a unidade básica de disponibilização de significado. De acordo com o autor:

⁸ “a comunidade organizada ou o grupo social que dá ao indivíduo sua unidade do eu podem ser chamados de “o outro generalizado”. A atitude do outro generalizado é a atitude de toda a comunidade (tradução nossa).

... [in social interaction, we] have a symbol which answers to a meaning in the experience of the first individual and which also calls out that meaning in the second individual. Where the gesture reaches that situation it has become what we call "language". It is now a significant symbol and it signifies a certain meaning (MEAD, 1934, p. 46).⁹

Através de gestos significantes, transmitimos sentido na nossa ação social. É por eles que conseguimos comunicar com as pessoas, uma vez que o significado compartilhado ali está presente também na consciência do interlocutor.

Em resumo, no processo de constituição da vida social, devemos olhar para as três instâncias do ato (mente, eu e sociedade) percebendo-as se auto-influenciando. A mente é a tomada de consciência e a resultante de um processo interativo mental entre eu-mesmo e mim. Este eu-mesmo e mim são as porções do eu: o eu-mesmo é a nossa porção instintiva, criativa, impulsiva enquanto o mim é a internalização do outro generalizado. Este é apreendido pelas pessoas após a percepção delas em relação às atitudes do outro em sociedade. Uma sociedade que, além de ser um conjunto de ações do eu, também evidencia os elementos para a construção do outro generalizado.

A partir deste preâmbulo, podemos enfim definir, o que é a interação social. De acordo com G. H. Mead, a interação social é um processo triádico que envolve a minha ação, a resposta do interlocutor e uma resultante do ato, que é a antecipação da ação do interlocutor pelo outro participante do processo interativo. Esta antecipação é prevista por todos os sujeitos que estão vivenciando aquela interação.

a gesture by one organism, the resultant of the social act in which the gesture is an early phase, and the response of another organism to the gesture, are the related in a triple or threefold relationship of gesture to first organism, of gesture to second organism, and of gesture to subsequent constitutes the matrix within which meaning arises, or which develops into the field of meaning [...]. Meaning is implicit – if not always explicit – in the relationship among the various phases of the social act to which it refers, and out of which develops. And its development takes place in terms of symbolization at the human evolutionary level¹⁰ (MEAD, 1934, p.76).

⁹ “... [na interação social, nós] temos um símbolo que responde a um significado na experiência do primeiro indivíduo e que também chama esse significado no segundo indivíduo. Onde o gesto alcança essa situação, ele se transforma no que chamamos de ‘linguagem’. Ele é agora um símbolo significante e possui um certo sentido” (tradução nossa).

¹⁰ Um gesto por um organismo, a resultante do ato social em que o gesto é uma fase antecipada, e a resposta de um outro organismo ao gesto, estão ligados em um relacionamento triplo ou triádico do gesto ao primeiro organismo, do

Em linhas gerais, a interação social seria um ajustamento mútuo de ações a partir da percepção do comportamento do outro em relação às nossas atitudes. De acordo com o autor:

we are more or less unconsciously seeing ourselves as others see us. We are unconsciously addressing ourselves as others address us [...]. We are calling out in the other person something we are calling out in ourselves, so that putting ourselves in the place of others and acting as others act. I want simply to isolate the general mechanism here, because it is of very fundamental importance in the development of what we call self-consciousness and the appearance of the self. We are, especially through the use of vocal gestures, continually arousing in ourselves those responses which we call out in other persons, so that we are taking the attitudes of the others persons into our own conduct¹¹ (MEAD, 1934, p. 68/69).

A tarefa é, portanto, entender a interação como um processo de ação reciprocamente referenciada em que cada indivíduo está, o tempo todo, pensando a sua atitude através da sua percepção da reação do interlocutor. É um ajustamento mútuo de comportamento que se dá porque, inconscientemente, estamos encontrando no outro, padrões de comportamento que encontramos em nós mesmos, conseguindo assim dar sentido às ações do outro como damos às nossas.

A interação, como um tipo de relação social, é uma rica chave analítica para entendermos o funcionamento da vida social. A concepção de G. H. Mead é ainda mais interessante porque dá destaque à linguagem, apontando o significado como fundamental para qualquer processo interativo, percebendo-o emergindo do próprio social. Além disso, mostra a sociedade formada por um conjunto de interações, chamando a atenção para a dinâmica e movimento da realidade social nos momentos em que os sujeitos entram em interação, em comunicação.

gesto ao segundo organismo, e do gesto subsequente constituindo a matriz dentro da qual o sentido emerge, ou que se desenvolve dentro do campo do sentido [...].O significado está implícito – se já não está sempre explícito - no relacionamento entre as várias fases do ato social a que se refere, e fora do qual se desenvolve. E seu desenvolvimento ocorre nos termos da simbolização no nível evolucionário humano (tradução nossa).

¹¹ “Nós estamos mais ou menos inconscientemente nos vendo como os outros nos vêem. Nós estamos, inconscientemente, nos dirigindo a nós mesmos como os outros se dirigem a nós [...]. Nós estamos chamando na outra pessoa algo que chamamos em nós, e assim nos colocando no lugar do outro e agindo como ele agiria. Eu quero simplesmente aqui isolar o mecanismo geral, porque ele é de fundamental importância no desenvolvimento do que chamamos de auto-consciência e na aparição do Eu. Nós estamos, especialmente através do uso de gestos vocais, continuamente fazendo emergir em nós aquelas respostas que chamamos nas outras pessoas, o que quer dizer que estamos tomando as atitudes das outras pessoas na nossa própria conduta” (tradução nossa).

4.1) Orkut: o que é e como funciona

O Orkut, como está descrito na sua página inicial, “... é uma comunidade online que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis”. A intenção do site é proporcionar “... um ponto de encontro online com um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses”¹².

No Orkut, cada integrante constitui uma rede de relacionamentos interpessoais através do convite ou autorização de acesso ao seu perfil. Ao se registrar no site, o usuário preenche um cadastro que se transformará na sua página. Através das informações publicadas, é possível encontrar amigos ou pessoas com interesses semelhantes para a constituição da sua teia de relações.

O Orkut foi desenvolvido pelo turco Orkut Buyukkokten, analista de sistemas da Google. O serviço foi lançado em Janeiro de 2004. A rede começou com o próprio Buyukkokten quando ele, ao criar o seu perfil, convidou seus amigos para participarem do site. Dentro da dinâmica de funcionamento do Orkut, um amigo vai convidando outro, que convida o outro. Nesse sentido, cada novo participante já está, desde o momento de sua adesão, potencialmente conectado a todos os outros, incluindo o primeiro, o próprio Orkut Buyukkokten. Uma vez que cada participante convida outros, o número de usuários cresce em progressão geométrica.

O site permite não apenas o estabelecimento de novas relações (ou o reestabelecimento em antigas) com base em afinidades e interesses comuns, mas também possibilita que essas relações configurem uma intrincada rede de relacionamentos que não é só visível, como também *navegável*. Desse modo, o Orkut realiza a façanha de construir um hipertexto no qual os nós da rede são os próprios usuários.

Aliada a essa forma de construção da rede, o Orkut funciona como um sistema de perfis pessoais baseado em permissões de acesso. O perfil, sendo alimentado por um cadastro detalhado e vinculado à rede de relações entre usuários e comunidades, permite que o site construa um complexo ambiente de relacionamento.

De acordo com Fragoso (2006)

¹² Disponível em <http://www.orkut.com> . Acessado em 27 de Outubro de 2006.

Perfis do *Orkut* são organizados em três camadas: perfil social (com informações como idade, gênero, nacionalidade, relacionamento, etc); perfil profissional (escolaridade, profissão, interesses profissionais, etc), e perfil pessoal (cor do cabelo, cor dos olhos, tipo físico, o que chama a atenção em mim, etc) (FRAGOSO, 2006, p. 4).

Após preenchidos os campos, o sistema publica a página do perfil com as informações fornecidas pelo usuário. Todos os dados solicitados são opcionais, ou seja, cada usuário só disponibiliza o que quiser¹³.

A página contendo o perfil é a “casa”¹⁴ de cada usuário no Orkut. Nela estão disponíveis as principais ferramentas oferecidas pelo site. Todos os elementos estão devidamente identificados para facilitar a interação com o visitante.

Pelo perfil é possível interagir com outra pessoa deixando uma mensagem no seu livro de recados – scrapbook –, ver as fotos do álbum ou acessar vídeos do YouTube ou do Google Vídeos¹⁵.

Também fica disponível na página, o carma de cada usuário. Ele é um sistema que permite a cada membro classificar seus amigos em 3 categorias: Confiável, Legal e Sexy¹⁶. São 4 níveis de qualificação (0 a 3), sendo que não é possível para os seus amigos saber de que forma você os classificou e vice-versa.

O perfil é a principal instância de representação do usuário no Orkut. A partir das informações disponibilizadas, o usuário tenta ali encenar um papel social. O termo “representação” é aqui utilizado no sentido empregado por E. Goffman, referindo-se “...a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1975, p. 29).

¹³ Há no site o recurso de omitir dados para pessoas que não fazem parte da sua rede de amigos. O usuário tem a opção de disponibilizar, para toda a comunidade do site, o mínimo de informações enquanto seus amigos (pessoas que foram autorizadas pelo próprio usuário a fazer parte da sua rede) têm acesso a todos os outros dados.

¹⁴ Inclusive, o botão que leva à página inicial se chama *home* (casa, em inglês).

¹⁵ Em fevereiro desse ano o Orkut inseriu uma ferramenta que permite ao usuário colocar na sua página links para vídeos que estejam disponíveis no YouTube ou no Google Vídeos.

¹⁶ Estas classificações variam assim: sexy, muito sexy, super sexy, por exemplo. Cada uma destas categorias representa (no caso de sexy) um coração preenchido na página do carma. Se não há corações preenchidos, a classificação é vazia (ou 0). No caso de Legal, os ícones são cubos de gelo e no caso de Confiável, smiles (pequenos círculos amarelos com olhos e sorrisos).

Nesse sentido, a disponibilidade da página do usuário para qualquer outra pessoa cadastrada no Orkut configura a atividade do indivíduo se passando num período de tempo, para ser vista por qualquer observador.

Não só as informações, mas também o álbum de fotos e a página de recados se transformam em instâncias de representação, uma vez que ficam disponíveis no perfil.

No geral, o álbum possui fotos do dono da página ou de elementos que fazem parte da sua vivência. Em muitos casos, há imagens consagradas como quadros famosos, por exemplo. Independente das imagens escolhidas, elas caracterizam-se como elementos de representação ao mostrar ou o ator em situações diversas ou dando a ver sentidos que ele quer expressar.

O caso do scrapbook é ainda mais interessante porque são registros das interações que o usuário mantém com outros membros do site. Os diálogos mostram como o indivíduo se comporta no momento da interação social, deixando mais clara a maneira como se dá a composição da fachada do sujeito. De acordo com E. Goffman

será conveniente denominar de fachada a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação (GOFFMAN, 1975, p. 29).

O carma também é um elemento importante do papel ali representado. Ele é um dos constituintes do cenário onde se dá a representação. Segundo E. Goffman:

primeiro, há o 'cenário', compreendendo a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele. O cenário tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando, de modo que aqueles que usem determinado cenário como parte de sua representação não possam começar a atuação até que se tenham colocado no lugar adequado e devam terminar a representação ao deixá-lo. Somente em circunstâncias excepcionais o cenário acompanha os atores. Vemos isto num enterro, numa parada cívica e nos cortejos reais com que se fazem reis e rainhas (GOFFMAN, 1975, p. 29).

Os ícones do carma podem ser entendidos como a “decoração” da cena que está sendo representada. Ele é um elemento do pano de fundo, serve de suporte para a ação que é ali “executada”.

Porém, o carma não é uma simples constituição do cenário, uma vez que quem o define não é o próprio usuário, e sim os seus amigos. Ele é uma avaliação feita pelas pessoas que integram a sua rede. Sendo assim, o carma pode ser considerado como um indicador de como a platéia recebe ou não a sua representação¹⁷.

Nessa linha, o carma pode também ser visto como um índice da qualidade da representação. Se o ator consegue “vender” bem o seu papel para a platéia, ele consegue uma alta classificação nas 3 categorias do carma. Este pode ser considerado, assim, uma espécie de fiel da balança da interação. Se a percepção da nossa representação é dada pela reação do outro, o carma mostra como o outro está reagindo diante da nossa atuação. E a partir da avaliação que fazemos dessa classificação do carma, podemos repensar a nossa representação.

Além dos elementos citados, há no perfil do usuário outros itens que também ajudam a esboçar o papel do sujeito no site. Um deles é o conjunto de comunidades do integrante do Orkut.

Do nosso ponto de vista, a escolha das comunidades pode ser considerada como mais um elemento do papel social que o usuário quer ali representar. Elas são selecionadas pelo integrante e ficam expostas na página do perfil¹⁸, através dos seus nomes e imagens de identificação. Transformam-se assim em mais um item da fachada pessoal. Como colocado por E. Goffman:

se tomarmos o termo ‘cenário’ como referente às partes cênicas do equipamento expressivo, podemos tomar o termo ‘fachada pessoal’ como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes (GOFFMAN, 1975, p. 31).

¹⁷ Obviamente, podemos considerar que, por se tratar de uma rede de amigos, a classificação do carma pode se dar dentro do funcionamento de uma equipe. E. Goffman (1975) define equipe como um conjunto de atores que trabalham de maneira coordenada para garantir uma representação. A classificação do carma pode ser algo combinado nos bastidores entre membros de uma equipe. Mas pode também não ser. São muitos os usuários do Orkut que não se organizam em uma equipe para favorecer, através da classificação do carma, outro amigo. Normalmente esses classificam seus amigos de acordo com a própria impressão em relação a cada uma das categorias do carma. E assim também é feito pelos seus amigos com eles.

¹⁸ Na verdade, 9 das comunidades as quais o usuário é vinculado são escolhidas aleatoriamente pelo sistema para serem disponibilizadas na página inicial.

Sendo assim, a partir da nossa observação, podemos afirmar que a seleção das comunidades no Orkut também está vinculada à representação dos papéis dos indivíduos no ambiente do site.

A construção da sociabilidade

Para tratarmos do conceito de sociabilidade, escolhemos a obra de G. Simmel. O autor alemão, preocupado em entender as micro-formas do fazer social, focava seu olhar para as interações em sociedade. De acordo com ele:

visto que na pureza de suas manifestações a sociabilidade não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele (SIMMEL, 1983, p. 170).

E completa:

a sociabilidade surge como uma estrutura sociológica muito peculiar. O fato é que, sejam quais forem os atributos objetivos que os participantes de uma reunião possam ter [...] eles estão proibidos de participar dela. Riqueza, posição social, cultura, fama, méritos e capacidades excepcionais não podem representar qualquer papel na sociabilidade. Quando muito podem desempenhar o papel de meras nuances daquele caráter imaterial, com o qual apenas à realidade é permitido, em geral, penetrar no trabalho social de arte chamado sociabilidade. Mas além desses elementos objetivos que, por assim dizer, circundam a personalidade, aqueles traços mais genuína e profundamente pessoais da vida de alguém, o caráter, a disposição e o destino, devem igualmente ser eliminados como fatores de sociabilidade (SIMMEL, 1983, p. 170).

Portanto, a partir de G. Simmel, a sociabilidade seria uma forma de interação que busca a manutenção do tecido social, a continuidade das relações amenas entre os sujeitos. Na sociabilidade, os interatores devem estar desvestidos de suas máscaras e interesses, focados apenas em manter aquela relação nela mesma.

Contudo, como nos lembra R. Maia (2002), “à primeira vista, causa estranheza pensar em uma interação social livre de conteúdo e de qualquer dependência” (MAIA, 2002, p. 5). Definitivamente é difícil imaginar uma interação totalmente desvestida de interesses e objetivos. Como seria possível dois ou mais indivíduos se relacionarem sem alguma motivação?

Para R. Maia (2002), M. Hanke (2003) e E. Moraes Filho (1983), as formas – como a sociabilidade, forma pura de interação – são tipos-ideais.

as formas puras podem nunca ser encontradas na história; são obtidas pela exageração de certas características dos dados reais até o ponto em que se tornem “linhas e figuras absolutas”. Funcionam como “tipos-ideais”. Aquelas linhas e figuras absolutas, na vida social real, são encontradas apenas em começo e fragmentos, como realizações parciais que são constantemente interrompidas e modificadas (MORAES FILHO, 1983, p. 21/22).

Dessa forma, devemos tomar o conceito de sociabilidade de G. Simmel como um modelo. Dificilmente encontraremos, na realidade social, uma interação da forma como colocada pelo autor. Mas ele é o padrão de comparação que deve ser usado no momento de analisar interações.

A sociabilidade responde, portanto, como um conceito que serve para balizar o nosso ponto de vista no momento que olhamos para a vida social tentando visualizar melhor as interações estabelecidas entre os sujeitos. Ao observarmos uma interação, portanto, devemos procurar nela as características da sociabilidade. Nunca a encontraremos no seu sentido pleno, proposto por G. Simmel, mas identificaremos alguns elementos que podem caracterizar aquelas interações como relações de sociabilidade.

V. França (1995) nos ajuda a pensar o conceito do autor alemão:

o conceito de sociabilidade, enquanto relações de base, formas lúdicas de socialização, “atração” pela vida social (a força do ser-junto-com), vem realçar uma perspectiva distinta, que é a imbricação comunicação/sociedade, e a compreensão do espaço da comunicação como o lugar mesmo da realização do social. Não se trata mais, ou exatamente, de pensar uma instância que reflete/determina a outra, mas compreender a prática comunicativa (da qual os novos meios constituem hoje a faceta mais evidente) como espaço próprio da vida social (ou, dito de outra forma, o espaço mediático como “momento” do social) (FRANÇA, 1995, p. 62).

É nesse sentido que pretendemos tomar o termo: como ingredientes da “realização do social”, de um ambiente salutar para o desenvolvimento de diversos tipos de interação. A sociabilidade pode então ser tomada como o princípio necessário para a manutenção de relações sociais e o estabelecimento de novas. Ela participa de todo e qualquer tipo de interação da vida social porque cria a base necessária para que sejam estabelecidos entre os sujeitos processos interativos diversos.

O processo colaborativo pelo Pearl Jam¹⁹

Nossa pesquisa tomou como objeto de análise uma dentre as várias agregações do Pearl Jam no Orkut. A comunidade escolhida – que se chama apenas “Pearl Jam”²⁰ – é a maior entre elas. Possui cerca de 98 mil membros e foi criada no dia 24 de janeiro de 2004, por Janet F²¹.

No ambiente dessa comunidade, um grupo de fãs começou a se organizar em torno de dois tópicos de discussão²² com o objetivo de trazer a banda para o Brasil. Como resultado, eles constituíram um abaixo-assinado *online* que conseguiu registrar mais de 7100 assinaturas²³.

A observação das mensagens trocadas nos mostra, em diversos momentos, a disposição dos membros em ajudar uns aos outros; há nas falas dos integrantes, o legítimo desejo de estar junto e uma clara vontade de compartilhar com os outros integrantes o sentimento em relação ao Pearl Jam.

Estas vontades manifestadas pelos integrantes são da ordem do sensível. Como já identificamos, a força gregária que une os sujeitos em agregações, tribos, comunidades ou em sociedade é da dimensão da sociabilidade (Simmel, 1983).

Mostraremos como estes sentimentos estão latentes nas mensagens:

um idéia 16/01/2005 19:24 (mensagem a-8)

Olá pessoal,

também sou fã de carterinha e tudo mais,

vejo alguns problemas dentro de tudo que foi falado: 1º O Pearl Jam só toca com seus próprios equip. de som, cenário, ilumin. etc.(sabemos que é "simples" mais existe o custo operacional que rebateria no preço do ingresso)

2º desse modo, o preço só seria viável para o empreendedor dentro de um contexto de festival, mas sabemos que depois do ocorrido na europa, eles não tocam mais em grandes eventos (até onde sei)

3º Infelizmente, para os produtores é um risco trazer o PJ, afinal das contas é uma banda com pouco apelo de mídia, embora com muitos fãs, mas até conseguirmos explicar isso.....

¹⁹ O Pearl Jam é uma banda de rock norte-americana. Criada em 1991, é uma das principais divulgadoras do grunge: subgênero do rock desenvolvido principalmente na cidade de Seattle, noroeste dos Estados Unidos, no final dos anos 80 e início dos anos 90.

²⁰ Em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=2063> . Acessado em 28 de fevereiro de 2007.

²¹ Em <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=4805000536765743766> . Acessado em 29 de Novembro de 2006.

²² O primeiro se chama “Tá bom, vamos chamar eles pro Brasil?” e conta com 189 mensagens, em <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=2063&tid=6142622> . O segundo é “Abaixo assinado on line! Pearl Jam no Brasil!”, conta com 137 *posts* e está disponível em

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=2063&tid=9074346> . Acessados em 29 de Novembro de 2006.

²³ Disponível em <http://www.petitiononline.com/pjbrazil/petition.html> . Acessado em 29 de Novembro de 2006.

Não quero ser pessimista, mas acho que podemos tomar um caminho alternativo e sensível.

Já que é uma banda engajada, podemos escrever um manifesto, algo que mostre a vontade do público brasileiro e acima de tudo, mostrar alguns de nossos inúmeros problemas (ambientais, sociais etc.) quem sabe os pegamos por este ponto, que pode ser tornar chave e que elimine todas as dificuldades anteriores.

Acho que temos este trunfo, para eles podemos ser mais uma frente de atuação e assim, quem sabe, eles passem por aqui.

como começar?

Acho que devemos começar redigir este texto (não muito grande, mas incisivo) anexamos as assinaturas e.....esperarmos com dignidade.

um abraço

Raphael

(grifos nossos)

17/01/2005 13:57 (mensagem a-10)

poxa galera, gostei da iniciativa de vcs, eu queria muito ajudar pq tb sou fã de carteirinha dos caras, so que eu naum entendo muito de organizar eventos e shows. Bom, achei a ideia do Raphael otima. Se a gente realmente conseguir os contatos da galera de lar, e se conseguimos mostrar o quanto os fãs brasileiros querem show, alem dos problemas que nos temos aqui (que poderiam ser ideias para shows beneficis), quem sabe, a esperança eh a ultima que morre...e se der pra eu ajudar, to dentro

Ivan

(grifos nossos)

Po, legal a iniciativa! 19/01/2005 09:49 (mensagem a-24)

Toda hora q alguem fala pra fazer alguma coisa pra trazer o Pearl Jam pra cá eu to dentro! Já to querendo torrar toda minha grana pra assistir um show lá mesmo, só q é mto caro...

Moro em Belo Horizonte.

Os problemas q vcs listaram são todos reais e difíceis de lidar...

Local- um lugar pra mta gente e q tenha cadeiras eu não conheço nenhum pra mais de 6mil pessoas, o q não é nada pro Pearl Jam e o preço dos ingressos ficaria alto demais. Não sei se existe essa estrutura no Brasil. Mas é possível fazer adapatações, não é?Patrocínio- querendo ou não é um investimento alto e de risco para qq empresa trazer uma banda que não faz mais o sucesso de antes e nem vende tantos discos. Mas uma pesquisa de opinião pública pode deixar claro se vai ter publico ou não e eu sei q qq pesquisa q fizerem vai mostrar q tem público sim... e público demais.

Bom, escrevam e continuem com isso q pode funcionar sim, vamu lá!

Abraço

Breno

(grifos nossos)

Pô galera!É isso aí... 10/02/2005 07:30 (mensagem a-63)

Fiquei emocionada ao sentir essa mobilização. Agora sim, sinto-me no lugar certo. Pessoas que gostam com a mesma intensidade do Pearl Jam. No que eu puder ajudar...contem comigo. Moro no RS, adoraria ver um show deles em Porto Alegre.Um abraço a todos vocês!

Ferdhynanda

(grifos nossos)

Podemos perceber pelos trechos marcados nas mensagens citadas a vontade dos integrantes em querer se manter em contato com outros fãs da banda. Este “estar bem em conjunto”, a disposição em manter contato e continuar a conversa nos mostram que havia um ambiente de sociabilidade dando suporte ao estabelecimento da colaboração.

A sociabilidade está presente em todos os momentos do processo colaborativo e independente da cooperação entre os integrantes. Mais do que uma condição, ela é este elemento que permeia a vida em sociedade, possibilitando o estabelecimento de processos interativos de diferentes ordens. Como colocado por V. França (1995):

... a noção de sociabilidade[/socialidade] nos afasta da definição de efeitos e finalidades definitivas, e nos sugere a análise do movimento, do efêmero, do pontual. Ela expande os limites do ato comunicativo, e nos incita a pensar a prática comunicativa – e a comunicação através dos meios tecnológicos – na sua aproximação e na sua interpenetração com outras práticas da vida social. Em lugar de isolar o espaço mediático, devemos antes buscar sua inserção num terreno mais amplo, e compreender como ele realiza, compõe e pontua nossas existências cotidianas – no que ela tem de cotidiano, banal e vivida (FRANÇA, 1995, p. 64/65).

Além de buscar a inserção do espaço mediático num terreno mais amplo, devemos evitar tentar também isolar as práticas da vida social. Não podemos conceber a colaboração acontecendo desvinculado da sociabilidade. Devemos enxerga-la nessa “...interpenetração com outras práticas da vida social” (França, 1995).

Conclusão?

Acreditamos que ainda existem lacunas para serem preenchidas ao olhar para o processo colaborativo como um todo. As noções aqui apresentadas são dicas que apontam para a explicação do que aconteceu. Por isso, retornaremos aqui a elas:

O conceito de interação de G. H. Mead (1934) nos apresenta um modelo estrutural básico para pensarmos qualquer relação comunicativa estabelecida entre sujeitos na vida social. Já a noção de representação de E. Goffman (1975) nos ajuda a observar como os sujeitos encenam seus papéis diante de seus interlocutores, através de informações, imagens e mensagens disponibilizadas nas páginas do Orkut.

As noções de sociabilidade de G. Simmel (1983) nos mostra como a força gregária do estar-junto, os sentimentos e desejos investidos pelas pessoas nas relações, formaram um alicerce suficiente para o estabelecimento de um processo colaborativo como o analisado, além de manter a agregação coesa na tentativa de alcançar o objetivo traçado.

O que é importante marcar é o processo de construção desse alicerce que suporta o processo colaborativo. Fazendo a metáfora com a construção de um edifício, a sociabilidade é o concreto que, ao mesmo tempo que preenche as colunas que sustentam a base, liga os tijolos em toda a estrutura do edifício. E esta sociabilidade é constituída, a todo momento, nas interações que os sujeitos estabelecem, na representação dos papéis estabelecidos.

Referências:

FRAGOSO, Suely. Eu odeio quem odeia... Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na 'tomada' do Orkut. *E-compós: revista da associação nacional dos programas de pós-graduação em Comunicação*, Brasília, nº 6, Agosto de 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/ecompos06_agosto2006_sfragoso.pdf>. Acessado em: 04 de dezembro de 2006.

FRANÇA, Vera. Sociabilidade: implicações do conceito da comunicação. In: BRAGA, José Luiz; PORTO, Sérgio Dayrell; FAUSTO NETO, Antônio (orgs.). *A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

HANKE, Michael . A Noção de Sociabilidade: Origens e Atualidade. In: França, Vera; Weber, Maria Helena; Paiva, Raquel; Sovik, Liv. (Org.). *Livro do XI Compós. Estudos de Comunicação*. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MAIA, Rousiley. Sociabilidade: apenas um conceito? *Textos de Cultura e Comunicação*, Salvador/Bahia, v. 42, p. 22-43, 2001.

MEAD, George Herbert. *Mind, self and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1934.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.